

Discurso de Posse na Academia Nacional de Medicina

Exmo. Sr. Presidente da Academia Nacional de Medicina -

Professor Francisco José Barcellos Sampaio

Exmo. Srs. Ex-Presidentes da Academia Nacional de Medicina

Professor Dr. Pietro Novellino e Marcos Moraes

Excelentíssimas Autoridades que compõem a mesa

Exmos. Senhores Acadêmicos e Exmas. Senhoras Acadêmicas

Ilustres Autoridades que nos honram com a sua presença

Queridos colegas, amigos e familiares

Meus senhores e minhas senhoras

Ao receber das mãos do Excelentíssimo Senhor Presidente Francisco Sampaio a distinção com que a Academia Nacional de Medicina houve por bem honrar-me, minha gratidão e júbilo é tanto maior e mais profunda, quanto mais esse prêmio excede os meus méritos pessoais.

Almejar a Academia Nacional de Medicina, a mais antiga instituição científica e cultural do país, fundada em 30 de Junho de 1829, obedeceu, mais uma vez, a preceitos de caráter científico, por mais sedutor e desejado possa ser este título.

Para tal nos valeu em muito a voz e a orientação segura dos mestres do passado, a quem reverencio com a minha saudade - **os professores Thomaz de Figueiredo Mendes e Jorge de Alckmin Toledo** e, aos mestres do presente, **Academico Clementino Fraga Filho, Mário Barreto Correa Lima e Professor Henrique Sérgio Moraes Coelho.**

Muitas vezes durante essa caminhada para a Academia Nacional de Medicina, recebia de meus pares, a pergunta que quase sempre é

dirigida aos candidatos que a pleiteam.

Porque você deseja entrar para a Academia Nacional de Medicina?

Em resposta, os senhores e as senhoras acadêmicas são testemunhas do quão longa é essa jornada de namoro com a velha senhora!

A Academia Nacional de Medicina, que em junho próximo passado comemorou 186 anos, é a instituição científico-cultural mais antiga do país, reunindo-se ininterruptamente, todas as quintas feiras, para discutir os temas mais caros e interessantes relacionados a Medicina Clínica, Cirúrgica e das Ciências Aplicadas, formulando sugestões e assessorando as mais altas autoridades da Saúde Pública de nosso país.

Esta velha senhora conheceu, ainda jovem, o Imperador Dom Pedro I, que compareceu à sua instalação pública em 24 de Novembro de 1835, nos salões do Paço Imperial, solenidade esta que contava, também, com a presença do Imperador, ainda menino, Dom Pedro II, futuro regente do Brasil. Este último com regularidade a frequentava, comparecendo as sessões e aniversários da Academia até o ano de 1889, quando da instalação e proclamação da República.

A Academia Nacional de Medicina, outrora denominada de Academia Imperial de Medicina, instalou-se nesta casa, em 1958, contando com a presença do então Presidente e Médico mineiro Juscelino Kubitschek de Oliveira.

A idéia mais remota do meu namoro com a Academia Nacional de Medicina, em verdade começou bem lá atrás, em 1979, ano de minha formatura em Medicina, na Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.

Naquele ano, a Academia Nacional de Medicina comemorava o seu sesquicentenário e vários cursos foram organizados por professores e acadêmicos daquela Escola para comemorar aquela data marcante.

Lembro-me de ter assistido nesta casa cursos organizados pelos

professores Francisco Fialho, Josias de Freitas e Lúcio Galvão, Newton Bethlem, Antar Padilha Gonçalves, Annibal Nogueira Júnior e tantos outros mestres e ilustres acadêmicos.

Ao longo do meu curso médico na Egrégia Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e, mais tarde, na Residência Médica na Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro fui aluno e convivi com inúmeros mestres e acadêmicos, que me falavam com muita honra e gratidão dessa casa, que passei, mesmo à distância, a admirá-la, enaltece-la e, porque não dizer a cortejá-la.

Dentre esses queridos mestres destaco os professores e acadêmicos Francisco Fialho e Thomaz de Figueiredo Mendes.

O primeiro, o Professor Francisco Fialho, professor de Anatomia Patológica, me acolheu como monitor oficial da Disciplina por três anos, juntamente com seu fiel e dileto assistente o professor e hoje acadêmico Carlos Alberto Basílio de Oliveira. Foi o Professor Fialho quem pela primeira vez me convidou a assistir a uma reunião científica na ANM.

O segundo o Acadêmico Thomaz de Figueiredo Mendes, com quem fiz a minha formação e pós-graduação em Clínica Médica e Hepatologia, por várias vezes me convidou a assistir cursos e simpósios nesta casa, e que já abordavam a problemática das hepatites virais, já naquela época em plena efervescência, com a descoberta dos vírus da hepatite B, Delta e das hepatites não-A, não-B.

Em 1997, concorri e fui agraciado com a honraria científica maior desta casa, o Prêmio Carlos Chagas, estudando os aspectos da coinfeção pelos vírus da hepatite C e o vírus da imunodeficiência humana (HIV)/AIDS.

Desde então passei a frequentar com regularidade as suas sessões científicas e, mais de uma vez proferi palestras e recentes avanços, agora sob a liderança e o convite do Acadêmico Mário Barreto Correa Lima.

A chegada até aqui foi longa, com alguns obstáculos, que foram todos eles, um a um, sendo ultrapassados, graças a gentileza, cordialidade e à inestimável colaboração de alguns mentores e professores.

Desde muito cedo, senti a falta de várias qualidades, menos de uma, a paciência. A vida já me havia ensinado, em outras ocasiões, que chegar era mais importante do que quando chegar.

E que esperar era um bom começo para alcançar.

Chico Buarque de Holanda, o nosso compositor maior, ao fazer um verso-poema em uma de suas músicas, PARATODOS, citava que:

**O meu pai era paulista**

**Meu avô, pernambucano**

**O meu bisavô, mineiro**

**Meu tataravô, baiano**

**Meu maestro soberano**

**Foi Antonio Brasileiro**

Chico Buarque homenageava, dessa forma, o maior músico e compositor do século passado Antônio Carlos de Almeida Brasileiro Jobim.

Parafraseando esse poema diria que:

**meus pais eram mineiros,**

**meu avó baiano,**

**meu irmão é carioca,**

**mas meu maestro soberano é Mario Barreto.**

**Os meus pais eram mineiros:**

**Thomaz de Figueiredo Mendes e Jorge de Alckimin Toledo.**

Com o primeiro fiz a minha formação em Clínica Médica e Hepatologia durante o internato e a residência médica na Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro nos anos de 1979 à 1982. Figueiredo Mendes, mineiro de Eloi Mendes, formado em 1936, era discípulo e chefe da Divisão de Gastroenterologia da 4ª Cadeira de Clínica Médica da Faculdade

Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, à época chefiado pelo Professor Waldemar Berardinelli, tio do Acadêmico Affonso Berardinelli Tarantino, a quem substituiu hoje. Em 1956, passou a chefe de Clínica e da Divisão de Gastroenterologia da Disciplina de Clínica Propedêutica chefiado pelo Acadêmico e Ex-presidente desta casa Carlos Cruz Lima. Fundador da Hepatologia nacional em 1967, o Acadêmico Figueiredo Mendes em determinado momento de sua vida profissional percebeu quão grande e vasto era o conhecimento da Clínica Médica, que resolveu se aperfeiçoar e se especializar em Gastroenterologia e, o fez com o mais afamado Professor da época, Henry Leroy Bockus, na Filadélfia, nos Estados Unidos, cujo Tratado de Gastroenterologia era a verdadeira bíblia da especialidade. Algum tempo depois, já de volta ao Brasil e bem conceituado na especialidade, percebeu, mais uma vez, como o conhecimento da Gastroenterologia era, também, muito grande, decidindo dedicar-se ao estudo das doenças do Fígado, mas sem nunca deixar de reconhecer a importância dos ensinamentos obtidos com as primeiras duas áreas do conhecimento.

Em 1967 fundou na Santa Casa da Misericórdia, juntamente com Clementino Fraga Filho, Jorge de Alckmin Toledo, Mario Barreto Correa Lima e outros colaboradores, a Sociedade Brasileira de Hepatologia, que completará em 2017, cinquenta anos de existência. Criou o primeiro serviço de Hepatologia do país, na 8ª Enfermaria da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, em 1974, onde pontificavam médicos entusiasmados pela especialidade, como Fernando Weindhausen Portella, Sergio Ney Lyra de Lacerda, Nélio Pinheiro de Andrade, Paulo Roberto Torres, Carlos Eugênio Lossio e Seiblitiz e Manoel Barreto. Memoráveis eram as suas reuniões anuais sobre Hepatites, em maio, trazendo para a Santa Casa da Misericórdia a fina flor da Hepatologia Nacional.

Ao término da minha residência médica em 1982, Figueiredo Mendes me recomendou que seguisse a carreira universitária e acadêmica e me sugeriu que procurasse o Professor Jorge de Alckmin Toledo, já agora instalado no novo Hospital Universitário da Ilha do Fundão.

### **E lá fui eu encontrar o meu segundo pai mineiro.**

Jorge Toledo era mineiro de Santa Rita de Sapucaí, no Sul de Minas, terra de minha mãe Solange. Professor Toledo, era o assistente dileto de Clementino Fraga Filho. Assim como Figueiredo Mendes, havia sido, também, assistente na 4ª Cadeira de Clínica Médica do Professor Waldemar Berardinelli e  *fellow* do serviço do Professor Bockus na Filadelfia. Ao ingressar no Curso de Mestrado em Gastroenterologia na UFRJ, coordenado por Jorge Toledo e Vera Vinhaes, ali encontrei sob a sua liderança os mais renomados Gastroenterologistas do país, como Faustino Porto, Boavista Nery, Gilberto Nagle, Oswaldo Franco Gouveia, Glaciomar Machado, Milton dos Reis Arantes, Marcus Túlio Haddad, Eduardo Lopes Pontes e tantos outros que enriqueciam a Faculdade de Medicina da UFRJ, sendo que três deles tem assento nessa seleta bancada: Glaciomar Machado, Marcus Túlio Haddad e Eduardo Lopes Pontes.

Em 1983, Jorge Toledo foi motivado a realizar o concurso para professor titular de Gastroenterologia da FM-UFRJ. Solicitou, então que eu, jovem aluno de Mestrado, e o Professor Henrique Sérgio Moraes Coelho o ajudassem na coleta e análise dos dados e na confecção da tese, que versaria sobre Hepatites não-A, não-B. Durante dois anos nos dedicamos inteiramente a coleta dos dados de sua tese, nos reunindo periodicamente em sua casa na rua Joaquim Nabuco. Com a sua morte prematura em 1985, não conseguiu concretizar o sonho da cátedra, mas deixou em todos nós seus admiradores uma imensa saudade e vazio.

### **O meu avó era baiano!**

Destaco a figura maior do Professor e Acadêmico Clementino Fraga Filho.

Conheci o Professor Fraga ainda na Santa Casa da Misericórdia nos anos de 1978/1979, quando do internato em Medicina, à frente da 4ª e 20ª Enfermaria de Clínica Médica, que reunia em seu serviço o elenco mais prestigiado de médicos e professores da Faculdade de Medicina e, porque não dizer do país.

Professor Fraga sempre foi um grande entusiasta do estudo das doenças do Fígado. Sua tese de Docência Livre versava sobre as Hepatites Agudas e em seu serviço estruturou o mais completo serviço de Gastroenterologia do país.

O reencontrei mais tarde, em 1982, no Hospital Universitário, como Diretor da FM e, a partir de 1994, tive a honra de ser aprovado como Professor da Disciplina de Clínica Médica e Propedêutica da FM e de reencontrá-lo, juntamente com o saudoso Professor Rodolpho Paulo Rocco.

A figura impar do Acadêmico Clementino Fraga Filho, de grande humanista, médico e educador permanece acesa em todos nós e perpetuada para sempre no Hospital que leva o seu nome.

### **O meu irmão é carioca! Henrique Sérgio Moraes Coelho.**

Com a morte prematura de Jorge Toledo, o Professor Henrique Sérgio assumiu a orientação da tese de mestrado e que versava sobre a prevalência de Hepatite B e Delta em Hemofílicos. Na época trabalhava no Centro de Hematologia Santa Catarina, instituição idealizada por Augusto Luiz Gonzaga e que se dedicava ao acompanhamento e tratamento de hemofílicos, pacientes politransfundidos e que, por infortúnio, apresentavam elevada frequência de hepatites pós-transfusionais.

Mais tarde, ao ingressar como docente da FM - UFRJ, pude colaborar intensamente com o Professor Henrique Sérgio Moraes Coelho na formação e pós-graduação de vários colegas, que hoje trabalham no Serviço de Hepatologia do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho,

seja como orientador ou co-orientador de teses, seja como membro de bancas examinadoras de Mestrado e Doutorado.

A ele a minha imensa admiração e estima.

**Mas, meu maestro soberano é Mário Barreto Correa Lima.**

Ao Acadêmico Mário Barreto Correa Lima, orador que me saúda, a ele devo em grande parte tudo o que sou e conquistei na minha vida médica e acadêmica. Em 1987, após prestar o concurso de provas e títulos fui aprovado como professor da Disciplina de Clínica Médica da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, sob a sua liderança.

Mais uma vez a sorte não me abandonou!!

O Acadêmico Mário Barreto havia sido, também, dedicado colaborador dos Acadêmicos Figueiredo Mendes e Carlos Cruz Lima, na 7ª Enfermaria da Santa Casa do Rio de Janeiro e, também, demonstrava especial interesse e fascínio pelo estudo das doenças do Fígado. Sua tese de Docência, em 1970 na FM-UFRJ, versava sobre as **Possíveis Utilizações da Recanalização da veia umbilical no Homem: na Filtração Per-umbilical do sangue portal no tratamento da esquistossomose mansônica**, assunto intensamente estudado, também, por Figueiredo Mendes. Sua tese para o concurso para professor titular de DIP na Escola de Medicina e Cirurgia versava sobre o Fígado na Leptospirose, no qual contou com a prestimosa colaboração dos Professores e Acadêmicos Carlos Alberto Basílio de Oliveira e Omar da Rosa Santos.

Ao longo destes últimos 27 anos de convívio ininterrupto tive o privilégio de contar com a sua orientação segura e de tê-lo como examinador nas bancas de concurso de ingresso na carreira do magistério superior na UNIRIO; na banca de doutoramento na Escola Paulista de Medicina em 1997; nos concursos de Livre Docência em Clínica Médica em 1991 e de Gastroenterologia em 2004 e, mais recentemente, na Banca Examinadora para Professor Titular de Clínica Médica e Gastroenterologia da EMCRJ da



Universidade Federal do Estado do RJ.

O Acadêmico Mário Barreto Correa Lima além de Professor Titular de DIP e de Clínica Médica da EMCRJ da UNIRIO, foi Professor Titular da Faculdade de Medicina de Valença e Vassouras e do Instituto de Pós Graduação Médica Carlos Chagas. Com elevada formação humanística, encontrou tempo para se aperfeiçoar na área de Sociologia e Pedagogia e de presidir, durante período difícil de nossa história política, a Associação Médica Brasileira e a Sociedade de Medicina e Cirurgia do RJ.

Juntamente com Dona Guiomar, sua filha Izabela e seus netos Luiz Eduardo e Carol tenho o privilégio de sua amizade e de sua orientação segura. A ele agradeço emocionado a minha chegada a esse cenáculo da Medicina. Querido Professor Mário, " quod clausum in pectore hoc in lingua promptem habeo" (O que trago encerrado no peito tenho exposto pela língua)

Protocolarmente uma Comissão de Honra constituída por Acadêmicos nomeados pelo Exmo. Sr. Presidente acompanha o novel acadêmico ao salão da posse. Agradeço ao Presidente Acadêmico Francisco Sampaio por ouvir e aceitar as minhas sugestões.

Devo confessar a todos a dificuldade de escolha de apenas **seis** nomes dentre tantos que gentilmente me acolheram e me distinguiram com a sua amizade e cordialidade. Optei por constituir um grupo de acadêmicos que simbolizassem as distintas secções da ANM e as distintas fases da minha vida médica profissional e universitária.

O primeiro e Decano da comissão, o **Acadêmico Adolpho Hoirisch**, neste momento representa, juntamente com os acadêmicos **Omar da Rosa Santos, Paulo Marchiori Buss e José Galvão Alves**, a secção de Medicina da ANM, presidida pelo acadêmico Sérgio Augusto Pereira Novis.

O acadêmico Adolpho Hoirisch além de todas as qualidades que lhe

distinguiram ao longo de sua brilhante carreira de Professor Emérito de Psiquiatria da FM - UFRJ, teve para mim peso especial nessa caminhada em direção à ANM. Desde a primeira postulação, o acadêmico Hoirisch sempre me distinguiu com seus conselhos, sabedoria rara e amizade, amizade essa, que creio eu, ele também dedicava ao meu saudoso pai e médico Armando Silveira Mello. O Acadêmico Adolpho Hoirisch foi durante alguns anos, juntamente com o saudoso acadêmico Waldemar Kischinevski companheiro de meu pai no corpo de oficiais médicos da Força Aérea Brasileira. Juntos trabalharam no Hospital da Força Aérea do Galeão, onde nasci e, posteriormente no Hospital Central da Aeronáutica. Periodicamente participavam os três da seleção de inúmeros outros médicos que iriam no futuro compor o seleto grupo de oficiais médicos da FAB.

Com o seu humor refinado, verve rara e inteligência aguçada o Acadêmico Hoirisch tinha dentre outras atribuições a avaliação do perfil psicológico do candidato. Meu pai Armando me contava, de forma bem humorado, que certa vez, após exaustiva seleção de candidatos, indagara ao Acadêmico Adolpho qual era o seu perfil psicológico, no que o Professor Adolpho com o seu humor refinado definiu: Armandinho você é um clássico ciclotímico!!.

Professor Adolpho Hoirisch como é de praxe em nossas saudações: Um beijo na testa!!

O acadêmico **Carlos Alberto Basílio de Oliveira**, aqui representando a secção de Ciências Aplicadas, coordenada pelo Acadêmico Carlos Alberto Mandarin-de-Lacerda, foi meu mestre e professor de Anatomia Patológica na Escola de Medicina e Cirurgia do RJ, da UNIRIO. Durante 3 anos tive o privilégio de ser seu monitor e de aprender a fazer autopsias e, de me iniciar nas atividades de pesquisa, publicando os primeiros artigos sobre o carcinoma papilífero da tireóide em nódulo hiperfuncionante.

Mesmo após a formatura e a decisão de me especializar em Clínica Médica e Hepatologia continuei mantendo contato permanente com o seu serviço, desta vez estudando os aspectos clínicos e anatomopatológicos da infecção pelo HIV, que havia sido recentemente descoberto em 1986. Juntamente com o Acadêmico Carlos Alberto Basílio tive a oportunidade de participar das primeiras necrópsias de casos de AIDS na cidade do Rio de Janeiro e de estudar as manifestações do Fígado e do Aparelho Digestivo na Síndrome de Imunodeficiência Adquirida. Ao Professor Basílio, sua esposa Santa e seu filho Rodrigo que me distinguem com a sua amizade, o meu respeito e a minha estima.

O Acadêmico **Omar da Rosa Santos**, uma das figuras mais respeitadas e queridas desta casa, me deu o prazer de seu convívio desde os bancos estudantis no Hospital Universitário Gaffrée e Günle, quando me interessei pelo estudo das doenças renais. Juntamente com o Professor Rômulo Macambira, professor da Disciplina de Clínica Médica e o Professor Basílio, interessei-me em estudar a importância e o papel da Prostaglandina na Hipertensão Arterial e nos Tumores Renomedulares.

Fui seu estagiário voluntário na Unidade de Nefrologia do Hospital do Andaraí durante o internato e a Residência Médica, passando visitas regulares e plantões aos sábados e domingos. Com o seu filho e acadêmico Professor Omar Lupi da Rosa Santos e sua esposa Andrea Lupi nossa amizade se estendeu para os domínios da Dermatologia e, mais recentemente, tivemos juntos o privilégio da colaboração e orientação de teses no Programa de Mestrado em HIV/AIDS e Hepatites Virais na UNIRIO. Muito obrigado pela sua generosidade, amizade e orientação.

***O Acadêmico Paulo Marchiori Buss é uma das figuras mais destacadas da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz e amigo dileto e recente. Há pouco mais de 3 anos nos conhecemos ao acompanharmos um cliente em comum, de estreita ligação familiar com***

***o Acadêmico Paula Buss, Dona Ledi e Valdir Peixoto. Ao longo desses últimos 3 anos pude testemunhar a sua enorme capacidade técnico-profissional, de sua cultura médica e de seu carinho pelo nosso pleito. Muito obrigado pela gentileza e cordialidade.***

O Acadêmico **José Galvão Alves** é figura das mais destacadas dessa casa e da Gastroenterologia nacional. Nossos caminhos profissionais inicialmente se cruzaram na Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. Eu como residente na 8ª Enfermaria de Hepatologia do Professor Figueiredo Mendes e Vossa Excelência na 7ª Enfermaria do Professor Cruz Lima e a seguir na sua própria enfermaria a 18ª.

Tive o privilégio de sua amizade e de testemunhar o seu enorme potencial didático-pedagógico e sua capacidade de organização de eventos na área de Gastroenterologia e Clínica Médica. Ao longo desses últimos 2 anos tive por parte de V.Excia a orientação segura e ajuda para o ingresso na ANM, o que tornou a nossa amizade sincera e despreocupada que nos une cada vez mais forte. A minha estima e o meu respeito Acadêmico José Galvão Alves.

O Acadêmico **Ricardo José Lopes da Cruz**, aqui representando a Secção de Cirurgia, coordenada pelo Acadêmico José de Jesus Peixoto Camargo é o mais novo e recente amigo. Nos conhecemos ainda como postulantes e candidatos a membro da Academia Nacional de Medicina, na sede da Academia Brasileira de Ciências, quando V.Excia pleiteava a vaga do professor e acadêmico emérito Helio Aguinaga e eu do Acadêmico Luiz Cesar Póvoa.

Nunca é demais exaltar e enaltecer a sua capacidade de organização e de didática. É por todos reconhecida a sua brilhante formação médica na área de Cirurgia Buco-Maxilo-facial, com especialização e residência em cirurgia geral, cirurgia plástica e cirurgia de cabeça e pescoço.

Até hoje, Acadêmico Ricardo Cruz, me recordo da primeira vez em que

assisti a uma palestra proferida por v.excia e que abordava o tema do transplante de face, palestra entremeada com videos ilustrativos e sob o fundo musical da canção She, cantada por Charles Aznavour. Obrigado pela orientação, dedicação e amizade nessa campanha.

Cabe ao Acadêmico que chega lembrar a memória e a importância dos acadêmicos que lhe antecederam na cadeira 10, cujo patrono é o Acadêmico Pedro Francisco da Costa Alvarenga, correspondente nacional eleito em abril de 1865. Nascido em Oeiras, no Piauí, foi mandado aos 8 anos para Portugal para estudar no Colégio dos Loyos. Graduou-se em Medicina na Universidade de Lisboa e Coimbra, passando depois alguns em Bruxelas. Foi médico da Câmara de sua Majestade Imperador no Real Hospital de São José, em Portugal.

A cadeira 10, a seguir, foi ocupada por Oswaldo Coelho de Oliveira, nascido no Distrito Federal em 1884 e formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Eleito em 1913, sob a presidência de Miguel Couto era professor catedrático de Clínica Médica da FM do Rio de Janeiro em 1919. Em 1942 passou a emérito, abrindo vaga para o Acadêmico Deolindo Couto.

Aos meus antecessores mais recentes os Acadêmicos Deolindo Couto e Affonso Berardinelli Tarantino me alongarei um pouco mais.

O primeiro, o Acadêmico Deolindo Couto, nascido no Piauí em 1902, principal formador da Neurologia Brasileira, foi o mais longo presidente desta casa, tendo a presidido por seis ocasiões. Foi Professor Catedrático e Emérito de Neurologia de duas das mais tradicionais e antigas Escolas Médicas do Brasil: a Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, hoje a UFRJ e da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Foi Reitor da Universidade do Brasil por longo período de tempo e membro da Academia Brasileira de Letras. Foi o criador do Instituto de Neurologia, que tem hoje o seu nome. Formou dezenas de professores,

recebendo no seu instituto médicos de outros países que para cá se dirigiam nos anos sabáticos.

Ainda tive o privilégio de conhecê-lo como aluno na Escola de Medicina e Cirurgia e, logo após a sua aposentadoria, sendo substituído nas aulas teóricas e práticas no Instituto de Neurologia, pelos professores e acadêmicos Antônio Mello e Hécio Alvarenga, recentemente falecido e pela sua jovem e bonita esposa Regina Alvarenga, que muito me honra com a sua amizade e presença. Seu amor por sua terra natal foi sempre uma constante em sua vida. Conservava na alma o sotaque do Piauí.

O Acadêmico Deolindo Couto e seu irmão Bernardo Couto muito dignificaram essa casa, deixando, ainda como herdeiros de seus respectivos legados os filhos e acadêmicos Deolindo Couto de Souza Gomes e Paulo Couto.

O Acadêmico Affonso Berardinelli Tarantino foi o último membro titular da cadeira 10. Nascido em 1915, em São José dos Campos, Professor Tarantino era filho de um casal de farmacêuticos. Sua mãe, Genézia, a primeira mulher diplomada em Farmácia no Brasil, enviuvou jovem aos 26 anos de vida, ficando com o encargo de criar e educar dois filhos. Professor Tarantino graduou-se na Faculdade Nacional de Medicina em 1938 e durante a graduação foi interno da cadeira de Clínica Médica de Clementino Fraga e de Propedêutica de Rocha Vaz. Logo depois de formado conquistou bolsa de estudos no famoso Instituto Forlani em Roma, aprimorando seus conhecimentos em Tisiologia e Pneumologia. Ao regressar ao Brasil tornou-se chefe da Clínica do Serviço de Torax na 32ª Enfermaria da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. Foi assistente da Clínica Médica e Propedeutica na Cátedra regida por seu tio Waldemar Berardinelli, grande nome da Medicina Interna desse país nos anos 40 e 50. Foi Livre Docente em Pneumologia pela Faculdade de Ciências Médica da UERJ e Professor Titular da FTESM e da PUC-RJ.

O Acadêmico Affonso Tarantino foi um dos mais brilhantes pneumologistas brasileiros, formando com os Acadêmicos Aloísio de Paula e Newton Manhães Bethlem e, mais recentemente, José Manuel Jansen e Carlos Alberto Barros Franco, os representantes da especialidade na Academia Nacional de Medicina. Mas, **senhores acadêmicos e senhoras acadêmicas**, todos os trabalhos mais numerosos e extensos do Professor Tarantino encontram-se em seu magnífico livro Doenças Pulmonares, no qual o Professor Tarantino soube, com rara felicidade, juntar à farta documentação, a sua vasta erudição e experiência no campo da Pneumologia.

Além de suas inúmeras qualidades como médico e professor era, também pensador e profícuo escritor. Dentre os seus livros destaco o Repetechos em que consolidou em versos a sua paixão pela Medicina e pela esposa amada Neusa. Entre as inúmeras citações à Neusa destacaria:

**" As dedicatórias à Neusa, que as tenho no coração, as vezes me impedem de respirar. Um dia vou publicá-las, mesmo que as originais estejam inelegíveis, manchadas de lágrimas"**

**" Neusa foi uma sonata que Deus gravou na minha alma, tecendo com seus cabelos uma harpa, com a qual ela partiu para sempre. Neusa, a tristeza da sua partida só a posso comparar com à alegria de, em breve reencontrá-la. E foi assim que o Professor Tarantino partiu em julho de 2014.**

Mais recentemente, tive a imensa alegria de conhecer uma de suas filhas Cristina Tarantino e seu esposo Luiz Octavio Motta Veiga, em reunião social na casa de meu dileto amigo Rubens Carmo Costa Filho, médico pessoal e amigo do Professor Affonso Tarantino. Na ocasião ela muito me emocionou me desejando sorte e felicidades na eleição do dia 27 de agosto e, citando que nesta data celebrava-se o nascimento de sua mãe Neusa e que, certamente, ela lá de cima estaria junto com o Professor

Tarantino torcendo pela nossa conquista.

Obrigado Cristina e Luiz Octavio pela gentileza e carinho dessas palavras. Senhores acadêmicos e acadêmicas a responsabilidade de suceder, mas não substituir dois ícones da Medicina Brasileira, e de falar sobre eles, me transforma em réu diante dos presentes, que com justiça acharão que não falei e disse o suficiente e de maneira perfeita sobre esses dois patronos da cadeira 10.

Muito mais haveria de ser dito e falado e louvado. Me penitencio por isso! Cabe ao acadêmico discorrer sobre algum assunto de sua área de predileção na Medicina e sem outra possibilidade gostaria de falar um pouco sobre a Hepatologia.

Ao acolher as credenciais de um Hepatologista, que como tal me apresentei, a Academia Nacional de Medicina quiz dar tácito reconhecimento a esta especialidade.

Em verdade, como uma especialidade autonoma e não mais como um ramo da Gastroenterologia ela é hoje uma especialidade jovem de quase 50 anos no Brasil e pouco mais de 70 na Europa e EUA. **Em 2017**

**celebrar-se-ão 50 anos da Sociedade Brasileira de Hepatologia, em Congresso em Recife e que será presidido pelo colega e Professor Edmundo Lopes e por esse novel acadêmico que vos fala.**

O estudo da patologia hepática sempre ocupou posição prioritária no plano de pesquisadores e cientistas, no que tem sido acompanhada de perto por leigos e curiosos, para quem o fígado sempre andou envolto em denso misterio.

Já desde os primórdios da civilização atribuía-se ao fígado muitas virtudes e poderosa influencia sobre o homem, sua saúde e seu destino. Assim é que vamos encontrar o Fígado ao longo dos séculos ligado a Mitologia Grega, na lenda, na literatura e até no folclore.

Uma das lendas mais antigas e, provavelmente, a mais conhecida da



Mitologia grega é a de Prometeu, filho de Júpiter, acorrentado ao cume de um Rochedo no Cáucaso, onde um abutre vinha, diariamente, devorar-lhe o fígado, que durante a noite se reconstituía e curava. Diz a lenda que tão impiedoso suplício, imposto porque ousara ele roubar o fogo no céu para dá-lo aos homens, durou até que Heráclio o libertou, pondo fim a mais longa demonstração de capacidade regenerativa do órgão, que hoje conhecemos tão bem.

Outra ligação histórica procura salientar as estreitas relações entre o fígado e o cérebro. Há mais de 400 anos o célebre escritor inglês William Shakespeare, em um clássico da literatura inglesa, a Décima Segunda Noite, descreveu as queixas de Sir Andrews. Embora considerando-se homem inteligente e perspicaz, sentia-se ele algo embotado e até sonolento, sempre que ingeria quantidades maiores de carne que a habitual. Hoje fica fácil compreender que o nosso Lord inglês, provavelmente com o fígado castigado pelo generoso whiskey escocês, não metabolizava adequadamente a amônia e, assim criava as condições adequadas para desenvolver episódios de encefalopatia hepática.

Desta forma não seria tarefa muito difícil provar a este auditório, composto de homens e mulheres inteligentes, cultas e equilibradas, como um bom fígado constitui-se em pré-requisito indispensável, assim como caberá à Moderna Hepatologia lugar de destaque no cenáculo da Medicina Contemporanea.

Outras histórias e folclores da Medicina dizem respeito ao mau humor, má digestão e a sensação de amargo na boca. Há anos os medicos ouvem queixas e observações de que aquele fulano ou sicrano está mau humorado e atribuem tal estado a deterioração do fígado e da vesícula biliar. Fígado localizado à direita ou à esquerda, como vemos vários pacientes assinalar, não importa!

O certo é que ele contribuiu muito durante o correr dos tempos para enriquecer a mitologia, a lenda, a história e o folclore popular.

***Ao lado do estudo da patologia hepática decorrente do alcoolismo e das desnutrição outras duas áreas do conhecimento ganharam importância nos últimos anos: as hepatites virais, mormente aquelas provocadas pelos vírus B e C e a doença gordurosa não alcoólica. A primeira, a hepatite pelo vírus B aflige mais de 300 milhões de indivíduos, e, a segunda, a hepatite pelo vírus C acomete mais de 180 milhões de indivíduos em todo o mundo, relacionada esta última ao uso e abuso de drogas ilícitas injetáveis e, até passado recente, as transfusões de sangue. As hepatites virais B e C são importantes causas de doença hepática crônica, de cirrose e o principal fator etiológico do cancer de fígado.***

***A outra condição patológica, a doença gordurosa não alcoólica do fígado, decorre de uma verdadeira epidemia, cada vez mais observada nos grandes centros e países industrializados, ocorrendo em até 25% a 30% da população acometida por obesidade, dislipidemia, diabetes mellitus e síndrome metabólica.***

Acredito que por tais razões, dentre outras, mas sobretudo pelo avanço no diagnóstico, investigação e tratamento das doenças hepáticas nestes últimos cinquenta anos, que certamente levaram esta Academia a incluir entre seus pares um fiel e confesso apreciador da Hepatologia, o primeiro desde o passamento do Acadêmico Figueiredo Mendes, em 1996.

Senhores Acadêmicos e Senhoras Acadêmicas convivi ao longo das últimas três décadas com cientistas e estudiosos das doenças do Fígado em três serviço de referencia desta cidade.

O primeiro e mais antigo o serviço de Hepatologia da Santa Casa da Misericórdia do RJ, berço da Medicina Brasileira, idealizado pelo Acadêmico Figueiredo Mendes. O segundo organizado e idealizado pelo Professor Jorge de Alckmin Toledo e, com a sua morte prematura, liderado

pelo Professor Henrique Sérgio Moraes Coelho, tornou-se a principal referência de nossa cidade, local, inclusive, onde realizou-se pela primeira vez nesse estado a cirurgia de transplante hepático.

O terceiro e mais recente, data de 1993, teve a liderança do Acadêmico Mario Barreto Correa Lima e a colaboração deste novel acadêmico foi implantado no Hospital Universitário Gaffrée e Günle. O Hospital Gaffrée e Günle criado por Candido Gaffrée e Eduardo Günle em 1929 atendia prioritariamente, no início do século passado, aos funcionários do Cais do Porto do Rio de Janeiro e, que se especializou, naquela época, no manejo das doenças sexualmente transmissíveis mais frequentes, mormente a sífilis.

Ao longo desses 76 anos de existência, o Hospital Gaffrée e Günle reencontrou o seu perfil de outrora, ao se dedicar ao atendimento de duas novas condições infecciosas prevalentes no nosso meio, caso da infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (AIDS) e das hepatites virais.

Por ali passaram e caminharam dentro de seus ambulatórios e enfermarias, mestres e luminares da Medicina, que escreveram a história da Clínica Médica, da Cirurgia e das Ciências Básicas, muitos dos quais membros desta casa, a Academia Nacional de Medicina.

Por certo, ainda hoje é possível, às pessoas mais sensíveis, ouvir ressoar os passos cadenciados dos pais da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, antiga Faculdade Hahnemaniana. Lá ainda estão vivos os exemplos edificantes de Benjamin Vinelli Baptista, Jair Pereira Ramalho, Francisco Alcantara Gomes, Francisco Fialho, José Maria Barcellos, Anníbal Nogueira Junior, Fioravante Di Piero, Josias de Freitas, Lúcio Galvão, Ugo Pinheiro Guimarães, Deolindo Couto, Antonio da Silva Mello, Jorge Rezende, José Kós, Paulo Filho, Newton Bethlem, Waldemar Kischnevski, Antar Padilha Gonçalves, Luiz Beethoven Dantas do Amaral,

Osmar Teixeira Costa e tantos outros que dignificaram aquela Escola e essa casa maior da Medicina Brasileira.

Vivemos um momento difícil no cenário político, econômico e cultural do país. Porém, mais triste para todos nós médicos e professores, é presenciar e testemunhar a situação de abandono pelo qual passam estas três instituições aqui citadas.

A Santa Casa da Misericórdia do RJ, berço da Medicina Brasileira, testemunha ocular da História da Medicina, encontra-se fechada há mais de 2 anos. A Faculdade de Medicina da UFRJ e a Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, e seus respectivos hospitais escolas, das quais muito me honro de ser professor, vivem momentos difíceis, com número restrito de leitos e internações.

Ao mesmo tempo em que vemos as três mais tradicionais escolas médicas do país à míngua, o Governo Federal resolveu aumentar nos últimos 5 anos em 79 o número de escolas médicas, totalizando hoje 257 escolas, segundo o último censo do CFM, algumas localizadas em cidades sem qualquer preparo para a formação dos médicos. Além disso criou o programa Mais Médicos, no qual médicos de outros países sem a respectiva revalidação de seus diplomas exercem muitas vezes funções de técnicos em Medicina.

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Em uma noite tão especial como esta dois sentimentos dominam a alma do novel acadêmico empossado: Felicidade e Gratidão!!

Lembro-me então, de fato narrado pelo Acadêmico Affonso Berardinelli Tarantino e descrito pelo Acadêmico Paulo Couto em seu discurso de posse.

Certa vez a escritora Selma Lagerhög, ao receber o prêmio Nobel de Literatura, foi envolvida por imensa sensação de felicidade, que tentava dissipar pensando naqueles que se alegrariam com a sua sorte. Eram

muitos amigos, sua família e principalmente a sua velha mãe.

Subitamente, a lembrança de seu pai surgiu-lhe à mente e, com isso uma profunda tristeza lhe abateu por não poder compartilhar com ele aquele grande momento. E disse ela: e se eu fosse ver meu pai no reino dos céus? Seja bem vinda, diria ele. Espero que não tenha lhe acontecido nenhuma desgraça. No que ela retrucou: não meu pai, vim apenas te pedir um conselho: O fato é que estou cheia de dívidas!!.

No que o pai lhe respondeu: receio muito não poder ajudá-la filha.

Aqui no céu tem tudo, menos dinheiro.

Não meu pai, retrucou ela, minhas dividas não são de dinheiro, são de GRATIDÃO!!

Pior ainda, respondeu o pai: Não irei quebrar a cabeça por questões que nem aqui no céu, nem na terra, poderei resolver.

Já que você ganhou esse prêmio, não quero pensar em mais nada, salvo em ser feliz com você!!!

Sinto-me assim hoje: Grato e Feliz!!!

Grato a todos aqueles e em especial aos meus pais e aos meus pares, que de alguma forma permitiram que esse sonho se tornasse realidade e, aos quais espero pagar, parcialmente, com a moeda da minha amizade e poder receber como troco a amizade de todos os senhores e senhoras acadêmicos.

Nesse momento de júbilo gostaria de dividir com todos essa conquista. Ao meu amado pai Armando Silveira Mello, figura paterna ímpar, dedicado, educado. A primeira lembrança que me vem à mente do que é ser médico é a de meu pai Armando, clínico geral de boa cepa, formado na Praia Vermelha, em 1948, e colega de turma dos acadêmicos Pedro Sampaio e Halley Pacheco de Oliveira. Seu estilo cordial, atencioso e simples de lidar com os pacientes no consultório e em visitas domiciliares muito me marcaram e estimularam três dos seus filhos Armando, Marcelo

e eu a seguir os seus passos na Medicina.

Sem ele, sem a sua orientação e influência natural, talvez não tivesse me formado médico e, dificilmente, tomaria assento nessa casa que tanto admirou, e tanto me estimulou para que um dia pudesse dela participar. Acredito piamente, que hoje ele está lá em cima vibrando com essa conquista do filho e dos netos e netas, principalmente da neta Marina, recém formada em Medicina e já cursando a Residência Médica no Hospital Carmela Dutra.

A figura de minha mãe Solange, exemplo de mãe dedicada, comunicativa, com imensa habilidade de fazer amigos, até hoje me marca e me faz muita falta.

Ambos faleceram nesses últimos 2 anos. Aos dois Armando e Solange por tudo que representaram em minha vida a minha gratidão com o gesto mais puro de um beijo!!

Aos meus dois irmãos médicos Armando (*In memoriam*) e Marcelo, e à minha irmã Tereza Cristina, que conseguiu com muita doçura ser a síntese de meus pais o meu beijo carinhoso.

Aos meus sogros Diva e Jorge, por me adotarem como um novo filho, o meu carinho e a minha admiração.

À minha mulher Márcia Maria, minha aluna de graduação e de pós-graduação na Escola de Medicina e Cirurgia do RJ costumo dizer que a minha vida pode ser dividida em AM e DM (antes e depois de Márcia). A ela, que me conquistou, digo sempre te amo cada vez mais, meu anjo! O grande escritor Luiz Fernando Veríssimo diz em um de seus escritos que: Deus criou o mundo e descansou!

Então ele criou o homem e descansou!

Depois criou a mulher.

Desde então nem Deus, nem o Homem, nem o Mundo tiveram mais descanso!

Com Marcia não tive descanso, pois tive que me concentrar e dedicar os meus melhores esforços na formação e educação dos nossos dois pequenos filhos Pedro Henrique e Ana Luisa, que me iluminam com os seus sorrisos. Pedro e Ana: beijos do papai!!

Finalmente gostaria de encerrar essa fala fazendo dois agradecimentos muito especiais: um ao Professor e Acadêmico Sergio Augusto Pereira Novis e outro ao Acadêmico Isaac Vaismann, grande amigo e médico do Professor Jorge Toledo.

Ao primeiro cabe meu reconhecimento especial pela condução da aprovação de meu nome na Secção de Medicina, por ele liderada. Lembro-me, Acadêmico Sergio Novis, que quando da minha primeira tentativa de entrada na Academia Nacional de Medicina, não vitoriosa, V.Excia me tranquilizou, dizendo que assim como ele outros acadêmicos também não entraram na primeira tentativa. E mais ainda, me contou e se recordou de fato histórico que ocorrera com o célebre escritor francês Victor Hugo, que também havia tentado por algumas vezes o ingresso na Academia Francesa de Letras.

O célebre presidente Theodore Roosevelt escreveu certa vez que:

" É muito melhor arriscar coisas grandiosas, alcançar triunfos e glórias, mesmo expondo-se à derrota, do que formar fila com os pobres de espirito, que nem gozam muito e nem sofrem muito, porque vivem numa penumbra cinzenta que não conhece vitória nem derrota"

Obrigado Acadêmico Sérgio Novis.

Ao meu querido mestre e Acadêmico Isaac Vaismann, meu caro professor, V. Excia não sabe o quanto me comoveu receber a sua linda mensagem no dia seguinte a minha primeira tentativa de ingresso na Academia Nacional de Medicina, sem sucesso.

Vossa Excelência escreveu:

"Infelizmente o querido amigo não logrou entrar para a Academia

Nacional de Medicina. Há um preceito judaico cristão que diz que deve se amar a justiça até as raias do fanatismo. Você venceu e vai vencer a estafa dos longos areais da vida e realizará muito dos seus sonhos e fantasias"

Professor e Acadêmico Isaac Vaismann, chorei muito ao ler a sua mensagem e me lembrei de um poema do escritor inglês William Shakespeare:

"Ainda bem que sempre existe outro dia. E outros sonhos e outros risos. E outras coisas. E outras pessoas e outros amores."

Gostaria de terminar citando o grande poeta português Fernando Pessoa que certa vez escreveu:

" O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que elas acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.

Como essas que aqui estão!!

Vai Carlos, vai ser *Gauche* na vida, já dizia Carlos Drummond de Andrade. Muito Obrigado pela gentileza de estarem aqui e de me ouvirem!